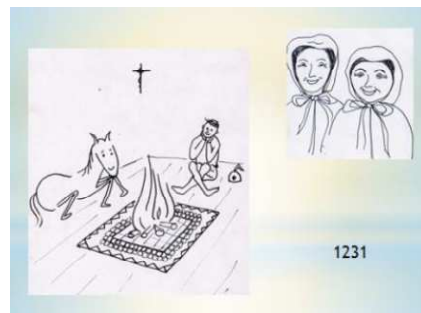


**Apresentação no Congresso Ecumênico da CIVCSVA – Ano da Vida Consagrada
Roma 22-25 janeiro 2015**

1231, às portas da cidade de Tournai: duas irmãs abrem sua casa aos pobres, aos peregrinos e aos que chegam no fim da tarde e encontram a cidade fechada. Não sabemos os nomes de nossas fundadoras. Elas se apagaram para deixar aparecer **uma comunidade de oração e de serviço vivendo a Regra de Santo Agostinho.**



De 1231 a 1610, nunca serão mais de 6 Irmãs, sempre no mesmo lugar. Uma visão mística habita essa pequena comunidade: o serviço, a vida de oração, o hábito e os costumes indicam o lugar central do Cristo a quem as Irmãs servem nos pobres e nos doentes. As provações (incêndios, inundações, peste...) provaram e reforçaram sua fé. Elas mantêm-se na fidelidade do Senhor. No século XV vemos aparecer pela primeira vez a referência a Santo André, apóstolo, do qual elas trazem o nome.



Em 1611, a cidade de Tournai cresce e se organiza. Outros hospitais são abertos. Nesse mesmo período, a Igreja sofre grandes divisões e tenta se reformar. No coração de muitas Irmãs, nasce a aspiração a uma vida inteiramente consagrada a Deus na oração: as irmãs de Santo André tornam-se **monjas.**

O Padre Antoine Civoré, Jesuíta, as ajuda a adaptar a regra a esta nova vida. Através dele, elas recebem os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, e esta espiritualidade vai pouco a pouco alimentá-las. No interior de um ambiente monástico, as Irmãs se abrirão às necessidades da época, acolhendo senhoras pensionistas, e mais tarde jovens para a educação.



Na tormenta da Revolução Francesa, em 1796, todos os bens das Irmãs são vendidos. Elas entram num breve período de dispersão e de clandestinidade.



Alguns anos depois, o antigo convento é readquirido por algumas delas. A espiritualidade inaciana orienta esta refundação e constitui o grupo em **vida religiosa apostólica.** Em 1857, as novas Constituições diretamente inspiradas nas de Santo Inácio são aprovadas e a Congregação torna-se de direito pontifício.

A expansão apostólica vai começar: na Bélgica, fora de Tournai, na Inglaterra, no Brasil, no Congo, na França...

Em maio de 1940, início da guerra, a casa-mãe é inteiramente destruída, todos os arquivos são queimados. As Irmãs nunca interromperão o serviço aos alunos; vivem um êxodo de casa em casa, antes de poderem reconstruir um imóvel para a comunidade e para a escola.



A partir de 1960, o período da renovação conciliar vai marcar profundamente esta pequena Congregação que se tornou internacional.

Nesse período, pesquisas arqueológicas e históricas permitem às comunidades redescobrir, maravilhadas, a fidelidade de Deus na sua história, e nos guiam até nossas origens: a modesta lareira onde as Irmãs serviam a Deus nos pobres.



A chama sobre essa lareira continua a queimar e as comunidades vivem esse período com paixão, discernindo os apelos do Espírito na vida que atravessa a Igreja e o mundo: **no Congo**, elas acompanham as provações e esperanças do acesso à independência e participam, através do ensino, da formação das jovens congolezas. **No Brasil**, com disponibilidade e criatividade, as Irmãs assumem responsabilidades na área da educação, assumem missões temporárias em lugares muito pobres, acompanham o desenvolvimento humano e espiritual dos jovens e das populações às quais elas são enviadas. **Na Europa**, as Irmãs se aproximam do meio universitário em Louvain, participam da efervescência conciliar da renovação litúrgica e bíblica, assim como do movimento ecumênico.

Em 1966, Irmão Roger da comunidade de Taizé, convida a Congregação a ajudar na pequena loja e no acolhimento dos jovens. O cardeal Bea, do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, nos encoraja: «*Tudo o que vocês puderem fazer para a unidade dos cristãos, façam-no*». A resposta de então é simples e espontânea: «*Vender cartões postais para a unidade, nós podemos!*»



Em 1967 e 1969, dois encontros ecumênicos são realizados em nossa casa-mãe em Ramegnies-Chin (Bélgica). Eles se prolongarão pela nossa participação ativa no « Kaire », grupo de mulheres de diferentes confissões cristãs, consagradas a Deus em um serviço da Igreja, de vocação monástica ou diaconal. Kaire é um lugar de comunhão na oração, na reflexão e na amizade partilhadas e vive a cada encontro a alegria de uma « visitação profética no caminho da unidade ».



Em 1971, nossa casa de formação para a Europa desloca-se de Louvain para Ameugny, cidade vizinha a Taizé. Uma mudança profunda vai começar a se operar para nós que somos hoje como um impressionante mosaico de culturas: 70 Irmãs na Europa, presentes em apenas 3 países, porém de 15 nacionalidades diferentes!

Como reler essa história e esse período de renovação que foi habitado por uma viva esperança no futuro?

Nossas origens permaneceram discretas e escondidas. O silêncio de nossas fundadoras foi sempre um convite a nos deixar refundar para nos adaptar e para testemunhar a cada época o modo como o Cristo bate à nossa porta, nos visita e nos envia em seu seguimento. Hoje, é na escola de Inácio que buscamos viver esta disponibilidade fundadora.

Sob o impulso do Concílio, nossa vida consagrada foi vivida mais conscientemente como o desdobramento da vocação batismal. As Irmãs retomaram o nome do batismo. O modo de viver renovou-se profundamente para poder testemunhar no coração do mundo um apego existencial ao Cristo, a serviço de uma humanidade reconciliada.

No Congo isto significa, por exemplo, levar a mensagem do Evangelho ao coração das tradições que estruturam as sociedades e deixar crescer uma inculturação da fé que será fonte de comunhão.

No Brasil: participar do desenvolvimento e da construção de uma sociedade mais justa, optar prioritariamente pelos mais pobres, criar espaços de oração e de vida comunitária que convidem à contemplação, à partilha e ajudem a encontrar a Deus.

Na velha Europa, fazemos a experiência de que o encontro com o Cristo funda uma comunhão mais profunda que as barreiras culturais, históricas, eclesiais... Comunhão, internacionalidade, fraternidade e ecumenismo nos aparecem como indissociáveis.



Para nós, pequena Congregação católica nascida no século XIII, caminhar ao lado de uma jovem comunidade ecumênica como Taizé é uma graça e uma bênção!

No contexto ecumênico dos encontros de Taizé, mas também em nossas missões de acompanhamento espiritual por exemplo na Inglaterra, na Suécia, tecemos amizades espirituais com cristãos de outras tradições eclesiais e reconhecemos com alegria primeiramente o que nos une. Com os instrumentos da espiritualidade inaciana, acompanhamos a muitos na busca da vontade de Deus em suas vidas, na sede de aprender a rezar e, para alguns jovens, no desejo de tudo deixar para seguir o chamamento do Cristo. Escutando essa sede, esses desejos, damos graças e experimentamos profundo respeito por todas as comunidades eclesiais que, como uma mãe, os fizeram nascer na fé em Cristo, o qual como uma fonte, mergulhou-os no banho do batismo. Assim, nossas tarefas apostólicas avivam nossa esperança e nosso amor pela Igreja onde quer que sejamos enviadas...

Desde o início do ano da vida consagrada, vimos como um sinal do Espírito o anúncio deste encontro que aqui estamos vivendo. E agora, deste lugar onde estamos reunidos, o convite

que faz o papa Francisco por sua carta apostólica se ilumina por uma nova luz: «*Espero que vocês saibam criar lugares onde se viva a lógica evangélica do dom, da fraternidade, do acolhimento da diversidade, do amor recíproco...*». Não devemos nós reavivar ainda mais o testemunho profético da vida consagrada no terreno da unidade dos cristãos? Não devemos ousar «criar outros lugares», ousar sermos nós mesmos lugares novos, onde já se viva a «lógica evangélica da fraternidade» entre membros de Igrejas ainda separadas?

Como Congregação, acolhemos a graça desses questionamentos na fidelidade a nossa vocação, e nesse caminho o apóstolo André é uma figura de consolação:



Sendo o **primeiro chamado**, comunica-nos sua alegria de conduzir a Cristo aqueles e aquelas que encontramos: « encontramos o Messias! »



Pioneiro do Evangelho em terras do Oriente, ele mantém nossa atenção desperta para o laço entre cultura e fé, para a necessária polifonia de expressões de uma mesma fé, para as harmonias infinitas do canto da fé nos diferentes lugares onde a semente da Palavra é lançada...



Mártir na cruz, convida-nos a pedir com ele a graça de ser «peritos em comunhão», sem temer o sofrimento de experimentar, no coração de nossa missão, ao mesmo tempo a separação entre as Igrejas e a comunhão definitivamente realizada pela morte e ressurreição do Cristo, nosso Senhor e nossa esperança comum.

Enfim, com André, sabemos que **muito pouco basta para alimentar a multidão**. Esse «pouco», é traduzido hoje nessas reflexões oferecidas com muito amor, com confiança e esperança no Cristo que saberá fazer frutificar em nós e entre nós os bens recebidos, ele que veio «para reunir na unidade os filhos de Deus dispersos».

Que o Senhor nos dê a graça de perscrutar juntos os sinais do Espírito e de seguir humildemente pelos caminhos nos quais ele nos precede!



Testemunho – Irmãos de Santo André

Irmã Agnès Granier